

Ana Paula Banza

Universidade de Évora, Portugal
anabanza@uevora.pt

Helena Freire Cameron

Instituto Politécnico de Portalegre /
Universidade de Évora, Portugal
helenac@ippportalegre.pt

 <https://orcid.org/0000-0003-4467-9521>

 <https://orcid.org/0000-0001-7719-6994>

PRÁTICAS (ORTO)GRÁ- FICAS SEISCENTISTAS NA *HISTÓRIA DO FUTURO* DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA

17th century (ortho)graphic practices in *História do Futuro* by Father António Vieira

ABSTRACT

This text analyses Father António Vieira’s spelling practices in *História do Futuro* based on a new conservative manuscript reading. Written, for the most part, between 1664 and 1665, the fragments of the *História do Futuro* that have come down to us, attached to Vieira’s inquisitorial process, are working texts, unpolished versions, which, therefore, may eventually reveal some marks of the “classic” period of Portuguese. On the other hand, taking into account that Vieira’s training in spelling falls within the “etymological” period and that his reputation places him among the “good authors”, also in terms of spelling, we seek to identify the conservative and innovative marks and, eventually, the manifestation of an individual practice, which, as is known, was, in Vieira’s time and until the beginning of the 20th century, a notorious trend, particularly among great writers.

KEYWORDS: António Vieira, 17th century, classical Portuguese, spelling, spelling variation

1. INTRODUÇÃO

O que conhecemos hoje como *História do Futuro* resume-se a algumas dezenas de páginas manuscritas, muitas delas sem ligação direta entre si, que sobreviveram, dispersas, entre os anexos ao processo do Padre António Vieira na Inquisição¹. Confiscadas em 1665, na altura da prisão do autor, permaneceram intocadas até à altura em que Lúcio de Azevedo as resgatou, organizando-as a partir do índice da obra, que chegou até nós²,

¹ Inquisição de Lisboa, Processo 01664, disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/> (acesso em: 4.03.2024).

² *Maquinações de António Vieira Jesuíta*, Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados, COD. 2673-79.

e publicando-as, pela primeira vez, em 1918³, numa edição de cariz conservador, mas que, ainda assim, intervêm em aspetos relevantes, como a pontuação, e apresenta vários erros e lacunas. As edições posteriores, de que se destaca a de António Sérgio e Hernâni Cidade, em 1953⁴, são de cariz modernizador, inúteis, portanto, para fins de análise linguística ou de ortografia, além de, não tendo, na maior parte dos casos, voltado ao manuscrito, perpetuarem os erros e lacunas de Azevedo.

Face à excessiva intervenção sobre o texto ao longo do percurso editorial da *História do Futuro* e perante os erros e lacunas identificados, desenvolveu-se uma nova leitura, de cariz conservador, voltando ao manuscrito de forma sistemática e confrontando as suas principais edições. Constituiu-se, assim, uma versão conservadora, não normalizada. Os dados usados no presente texto foram obtidos a partir dessa edição, que será objeto de publicação autónoma.

A *História do Futuro* é composta por textos ainda não lapidados, destinados a uma obra que nunca conhecerá uma versão final, uma vez que o autor não mais a retomaria após o processo inquisitorial. Trata-se, assim, de uma obra única, pelo seu conteúdo, mas também pelas suas circunstâncias, o que permite esperar, da observação da prática gráfica de Vieira, algumas pistas sobre o estágio da língua portuguesa e, por outro lado, identificar marcas que possam ser características da escrita do próprio Vieira. É, pois, nosso objetivo descrever os principais traços da escrita de Vieira na obra em análise, na sua condição de “obra em curso”, sem a revisão final que, eventualmente, poderia ainda “limar” alguns desvios em relação à norma vigente. As observações feitas valem, por isso, apenas para esta obra específica e não, sequer, para outras, acabadas, do mesmo autor (como os *Sermões* ou a *Representação...*).

As questões de partida para o presente trabalho são as seguintes:

1. Quais os aspetos em que a prática (orto)gráfica de Vieira permite captar marcas linguísticas da época?
2. Quais as principais marcas da (orto)grafia de Vieira e em que medida elas configuram uma prática convergente ou divergente com as propostas normativas da época?

Para responder a estas questões, parte-se de uma análise com recurso a ferramentas de Processamento de Linguagem Natural. O texto original foi pré-processado, retirando-se as notas de rodapé e reconstituindo-se as intervenções de transcrição. O texto foi processado na ferramenta AntConc (Anthony 2022), obtendo-se um *corpus* lexical com 6916 palavras singulares (*types*) e 39194 ocorrências (*tokens*). A partir deste *corpus*, elaboraram-se listas lexicais, não lematizadas, ordenadas por ordem alfabética, por ordem de frequência descendente e pelo final de palavra e também listas de concordância⁵.

A lista ordenada alfabeticamente foi processada numa folha de cálculo, com marcação manual distintiva de cada um dos elementos lexicais para a constituição de dois *subcorpora*:

³ Ver as Referências bibliográficas. Desta edição consta também o *Plano da História do Futuro*, cópia do Ms. da Biblioteca Nacional *Maquinações de Antonio Vieira jesuíta*, T. 2.º, p. 89, conforme a nota de Azevedo (1918: 241).

⁴ Ver as Referências bibliográficas.

⁵ Por limitação de espaço editorial, as listas de concordância ou KWIC, como são conhecidas, não puderam acompanhar este artigo. Pelo mesmo motivo, as ocorrências apresentadas são apenas exemplificativas, não exaustivas.

português e latino. O *subcorpus* português, que se analisa no presente trabalho, representa aproximadamente 90% do *corpus* total.

2. MARCAS DA LÍNGUA PORTUGUESA SEISCENTISTA NA HISTÓRIA DO FUTURO

Os fragmentos da *História do Futuro* que chegaram até nós, apensos ao processo inquisitorial de Vieira, são rascunhos de capítulos, ou partes de capítulos, que Vieira foi escrevendo ao longo de vários anos, provavelmente, tendo em conta a natureza e conteúdo da obra, desde o período imediatamente posterior à Restauração, ainda que, por vicissitudes várias, na sua maior parte, entre 1664 e 1665. Assim, pese embora alguma heterogeneidade nos momentos da escrita, é possível colocar a obra, ou o que restou dela, num período que se situa entre 1640 e 1665, isto é, *grosso modo*, no terceiro quartel do século XVII, inequivocamente correspondente ao chamado “período clássico” (cf. as diferentes propostas de periodização da língua, sintetizadas em Castro 2006: 73) e, na visão de Castro (2006: 74 e seguintes), no período de elaboração e consolidação que se seguiu à fase da expansão da língua (séculos XV–XVI).

Uma caracterização linguística geral deste período linguístico (cf. Banza, Gonçalves 2018: 44–45) permite identificar alguns fenómenos comumente localizados entre o final do século XVI e o século XVIII (em que se inicia o “português moderno”) e que, portanto, estariam, em alguns casos, ainda em fase de estabilização, naturalmente propícia à ocorrência de variantes.

No domínio fonético-fonológico, destacam-se três fenómenos, da maior importância na evolução do português neste período, cujo grau de estabilização pode ser, pelo menos em parte, inferido pelo grau de estabilização da sua representação e que, por isso, nos interessarão aqui:

1. a redução do sistema de sibilantes de quatro elementos, dois apicoalveolares, um surdo e um sonoro, e dois predorsodentais, um surdo e um sonoro, para dois elementos predorsodentais, um surdo e um sonoro⁶;
2. a monotongação de [ow] em [o];
3. a elevação e centralização do vocalismo átono pretónico (a evolução do vocalismo postónico e final ter-se-ão iniciado bastante mais cedo⁷).

2.1. AS SIBILANTES

O registo das sibilantes apicoalveolares e predorsodentais foi objeto de grande discussão teórica em ortógrafos e gramáticos, nem sempre coincidentes, sendo certo que a sua confusão é geralmente repudiada, sendo tal repúdio, só por si, prova de que a variação seria

⁶ Ver Maia (2003), Cardeira (2006), entre outros igualmente pertinentes.

⁷ A este respeito, ver, sem prejuízo de outros, os trabalhos clássicos de Hart (1955) e Carvalho (1984) e, mais recentemente, Marquilha (2003).

generalizada. Gandavo⁸, por exemplo, depois de afirmar que “os mais dos Portugueses são muy estragados & viciosos, & com innumeraueis erros que cometem, corrompem a verdadeira pronunciação desta nossa linguagem Portuguesa” (1574: 3r), um dos exemplos mais significativos que aponta desses erros é precisamente o das confusões que se verificam no domínio das sibilantes: “AS LETRAS que se costumão muitas vezes trocar hũas por outras, & em que se cometem mais vicios nesta nossa linguagem, são estas que se seguem, conuem a saber, c, s, z, & isto nace de não saberem muitos a differença que ha de hũas ás outras na pronunciação” (1574: 5r–5v).

Na *História do Futuro*, é possível observar uma variação significativa no registo destas sibilantes, nomeadamente em posição medial.

Relativamente às sibilantes surdas, os casos registados restringem-se às formas flexionadas dos verbos *encerrar* e *alcançar*: <enserrava> (1) / <encerrado> (1), <alcansar> (1) / <alcançar, alcançado, alcançarão> (3) e à forma *menção*: <mensão> (1) / <menção> (2), etimologicamente predorsodentais e em contextos em que são precedidas de vogal nasal.

O registo gráfico das sibilantes sonoras evidencia um número mais significativo de casos de variação, em posição intervocálica. O registo gráfico do sufixo *-eza*, do lat. vulg. *-itia*, etimologicamente predorsodental, portanto, é elucidativo desta alternância: <fraquesa> (1) / <fraqueza> (4), <pobresa> (1) / <pobreza> (8), <miudesa> (1) / <miudeza> (2), embora algumas formas apresentem apenas registo com <z>: <grandeza> (39), <rudeza> (1), <firmeza> (2), <clareza> (1), <dureza> (1), <tristeza> (1), <largueza> (2), <estreiteza> (1).

Já o sufixo *-oso*, do lat. *-osus*, etimologicamente apicoalveolar, portanto, é unicamente registado com <s>: <difícultoso> (1), <portentoso> (2), <temeroso> (2), <gloriosos> (1), <injuriosos> (1), <sospeitosos> (1), não se registando ocorrências de <z> intervocálico.

A variação no registo das sibilantes sonoras regista-se também noutras formas, independentemente da origem, sempre com predomínio da forma de base etimológica: <cousa> (59) / <couza> (2), <presença> (7) / <prezença> (1). Uma exceção a esta tendência é a forma <tresentos> (2), que nunca ocorre com <z>, possivelmente por influência de *três*.

No caso de <des> (2) / <dez> (7), o registo com <s>, em posição final, pode indiciar já o fenómeno de palatalização do [s] em final de palavra, consensualmente considerado mais tardio.

2.2. O DITONGO [OW]

No que se refere à monotongação de [ow], ela não é visível na *História do Futuro*, pelo menos nas formas etimológicas, como <cousa> (61) ou <louvados> (1). A única exceção encontrada é a de <locura> (1), forma de origem obscura (cf. Cunha 1989: 481), não latina, que se pode considerar que claramente reflete o fenómeno, tal como acontece também noutras obras de Vieira (cf. Banza 2007: 8).

⁸ Ver Kemmler (2022).

2.3. O VOCALISMO ÁTONO PRETÓNICO

Quanto à elevação e centralização das vogais átonas pretónicas, encontram-se alguns casos potencialmente indiciadores do fenómeno em curso: <eguaes> (1) / <iguaes> (2), <descurso> (1) / <discurso> (11), <creaturas> (2) / <criaturas> (2), <dezião> (2) / <dizião> (2), <menino> (1) / <minino(s)> (3), <enveja> (1), <encuberto/cuberto> (2).

No entanto, estes casos, de diversa natureza, devem ser considerados com algum cuidado enquanto indicadores do fenómeno em causa. Efetivamente, se, por exemplo, as formas <encuberto/cuberto>, onde a vogal fechada não é etimológica, podem, com alguma segurança, ser vistos como indiciadores da elevação da vogal pretónica, o mesmo não se pode dizer dos demais casos, onde as explicações podem ser diversas, nomeadamente a tendência de Vieira para o uso de grafias etimológicas. Tal pode ser o caso em formas como <eguaes> ou <creaturas>. Quanto aos casos de <descurso>, <dezer> e <enveja>, onde o <i> é etimológico, ainda atualmente elas são comuns no registo popular, refletindo fenómenos de diferente natureza. Quanto à forma <menino>, vocábulo de origem expressiva, a alternância <menino/minino> encontra-se registada desde muito cedo (cf. Cunha 1989: 512), não podendo, por isso, ser considerada como manifestação deste fenómeno.

3. A PRÁTICA (ORTO)GRÁFICA DE VIEIRA NA *HISTÓRIA DO FUTURO*

Como é sabido, Vieira gozou sempre, a par da reputação literária de expoente máximo da oratória barroca, de uma não menos prestigiosa reputação enquanto cultor da língua e da escrita em língua portuguesa. Como tal, é presença obrigatória entre os autores referidos como modelo a seguir por sucessivas gerações de gramáticos e ortógrafos.

A formação de Vieira insere-se no período “(pseudo)etimológico”, mas, tendo nascido em 1608, é razoável supor que esta terá sido influenciada por autores cujas obras datam de finais do século XVI (nomeadamente, as de Pero de Magalhães de Gandavo, 1574, e Duarte Nunes de Leão, 1576)⁹, sendo já menos provável a influência de Manuel Severim de Faria ou Álvaro Ferreira de Vera¹⁰, pelas datas de publicação, mas também, no caso de Faria, pelas características da obra, onde “se assiste ao confronto de duas tendências – a fonética ou simplificadora e a etimológica ou conservadora (...)” (Gonçalves 2003: 855). Assim, importa observar de que modo Vieira, na *História do Futuro*, segue as teorias ortográficas do seu tempo e em que medida se afasta do preconizado pelos teóricos. Na nossa análise, consideraremos, assim, apenas as posições de Gandavo e Leão, uma

⁹ Destas obras, além das edições antigas (a da obra de Gandavo também em edição fac-similada, com introdução de Leonor Buescu), disponíveis na Biblioteca Nacional Digital, existem edições recentes, acompanhadas de estudos introdutórios, ambas de Assunção *et al.* (2019a, b), publicadas na coleção “Ortógrafos portugueses” (<https://www.utad.pt/cel/en/home/cel-collections/>) (acesso em: 4.03.2024). Ver as Referências bibliográficas.

¹⁰ As obras de Faria e Vera (também acessíveis na Biblioteca Nacional Digital e com edições recentes dos mesmos autores, na mesma coleção) são, respetivamente, de 1624 e 1631. Mais provável seria ainda, por isso, em termos cronológicos, a influência de Amaro de Roboredo, cujas *Regras da Ortografia da Linguagem Portuguesa* saem em 1615. No entanto, como é sabido, a versão reelaborada, a única que se conhece, é já muito tardia (1738), razão pela qual não a consideramos.

vez que, em matéria de práticas de escrita, estas se formam usualmente cedo e tendem a manter-se inalteradas.

Por outro lado, embora a tendência latinizante possa considerar-se predominante no período em causa, tal não implica uma uniformidade de opções entre os diferentes autores ou, sequer, no mesmo autor, devendo ainda ser considerada a tendência para forjar “ortografias individuais”, referida por Tavani (1987: 201). Se acrescentarmos a estes fatores a conhecida tendência de Vieira para “tomar atalhos floridos e pitorescos, em vez de seguir a estrada régia” (Besselaar 1983: 11), poderemos esperar encontrar nestes textos uma escrita mais “espontânea”, quiçá “pessoal”, potencialmente muito interessante para o estudo da variação nas práticas (orto)gráficas de seiscentos, por oposição ao que era prescrito nos principais textos normativos da época.

3.1. CONSOANTES DUPLAS

Um dos aspetos mais notáveis da ortografia do período em causa, no plano alfabético, é o uso de consoantes dobradas, defendido, ou pelo menos aceite, por todos os ortógrafos da época. Neste aspeto, Vieira segue o espírito do seu tempo, usando frequentemente consoantes duplas, nomeadamente etimológicas, mas não só, no que parece seguir Leão, que defendia todos os tipos de consoantes dobradas (1576: 38v–48v): por “natureza, derivação, significação, corrupção, variação, composição”. Gandavo, ainda que mais moderado, recomenda o seu uso quando etimológico (1574: 15v) e tolera-o, ainda que com algumas restrições, noutros casos (1574: 15r e 19v–20r).

Os exemplos, na *História do Futuro*, são numerosos e abrangem todos os casos referidos por Leão: <peccador/peccado> (2), por natureza ou derivação; <peessoa/s> (14), por corrupção (assimilação em grupos consonânticos latinos); <affrontavão/affrontado> (2), por composição (duplicação de consoante em posição intervocálica ou equivalente).

Contudo, não faltam casos de formas variantes, com consoante dupla ou simples: <acrecentar> (3) / <accrecentar> (1), <revelar> (2) / <revellar> (2), <sumo/s> (5) / <summo/s> (3).

Nos casos de palavras que não integram os grupos referidos por Leão, elas surgem grafadas geralmente sempre com consoante simples: <eleição> (8), <revelação> (2).

3.2. GRUPOS CONSONÂNTICOS

No que respeita aos grupos consonânticos etimológicos, Gandavo não lhes dedica particular atenção. Já Leão dá algum desenvolvimento à questão, defendendo-os apenas em palavras que não sofreram “corrupção”, devendo usar-se, nos casos em que ela ocorreu, a grafia simples, o que remete para a questão da pronúncia. Leão reconhece ainda casos de coexistência de pronúncias sem e com alteração fonológica, que poderiam corresponder a diferentes opções gráficas (1576: 51v–52v).

Na *História do Futuro*, a manutenção destes grupos consonânticos etimológicos é frequente, mesmo em casos de “corrupção”, como em <sciencia> (7). No entanto, também aqui se registam diversos casos de variação entre as formas com e sem o grupo

consonântico mantido, como é o caso em <victoria> (2) / <vitoria> (6) ou <baptista> (2) / <bautismo> (2). Esta variação, cremos, não consegue ser explicada à luz da coexistência de diferentes pronúncias com diferentes grafias, defendida por Leão, uma vez que se trata, aqui, de um só autor.

Na *História do Futuro*, há também casos de “corrupção” que apenas se registam sem o grupo consonântico, como prescrito por Leão, como <santo> (36), que nunca ocorre como <sancto>.

3.3. <E-> PROTÉTICO

O registo do <e-> protético foi condenado por gramáticos e ortógrafos da época, que preconizavam a grafia latinizante. Gandavo não se refere em particular a esta questão, mas Leão exclui-o categoricamente (1576: 54r–54v). Na *História do Futuro*, Vieira dá também preferência à grafia latinizante, mas não de modo absoluto: <spirito> (16), <spiritual> (56) / <espiritual> (2), <espiritualmente> (1), mas <estatua> (31) / <statua> (4).

3.4. O USO DO <H>

O uso do <h> é preconizado pela maior parte dos gramáticos e ortógrafos. Tanto Gandavo (1574: 17r) como Leão (1576: 7v–8r) preveem o seu uso nos casos em que é etimológico e Gandavo prescreve-o também como forma de distinção entre a forma verbal <he> e a conjunção copulativa <e>.

Na *História do Futuro*, em geral, Vieira usa o <h> de acordo com o teorizado, incluindo o uso como modo de distinção entre a forma da terceira pessoa do singular do verbo *ser* e a conjunção copulativa, que é geral, e, de forma não sistemática, em étimos gregos, como em <monarcha> (12), <Christo> (327) ou falsamente etimológicos, como em <charidade> (2).

Além destes, observa-se ainda o uso do <h> como marca de hiato conservado, não prescrita por nenhum dos dois autores: <ahy> (1), <cahe> (1), <cahia> (1), <cahio> (1), <cahidos> (1).

Note-se, ainda, a falta do seu registo onde, pela etimologia, seria expectável, como em <averes> (1), <aver> (17). A falta de sistematicidade pode ser comprovada em casos como os de <cahia> (1) mas <descair> (1), <aver> (17) mas <houvera> (1).

3.5. O USO DO <Y>

Na mesma linha dos casos anteriores, o uso de <y> em casos de étimo grego ou como semivogal é geralmente unânime nos ortógrafos e gramáticos. Leão defende-o apenas nos casos de étimos gregos (1576: 26v–32r). Já Gandavo admite-o também para representar a semivogal [j] (1574: 18v–19r). Em Vieira, o uso de <y>, em ambos os casos, é muito abundante, por vezes alternando com <i>: <tyrania> (1), <tyranno> (1), <ley> (17), <Moyses> (16), <Egypto> (9), <Assyrios> (4), <mysterio(s)> (9), <foy> (94), <aquyetou>

(1), <arguyo> (1), <assy> (150), <ahy> (1), <ally> (4), <sy> (22), <ty> (9), mas também <tirania> (1), <foi> (28), <dali> (1), <alli> (2), <si> (4), e <ti> (1).

3.6. MARCAS DE NASALIDADE

A discussão das vogais nasais nos ortógrafos e gramáticos é complexa, envolvendo diferentes propostas. Em Gandavo (1574: 14r), destaca-se a proposta de distinção entre as formas verbais do pretérito perfeito, com <-am>, e as do futuro, com <-ão>, embora admita também a distinção pelo acento, defendendo que “tambem se podem escreuer com m, quer falem do passado quer do por vir, distinguindo esta duuida com os mesmos accentos”.

Já Leão (1576: 28r–28v) é um acérrimo defensor do ditongo, que considera “o mais frequentado da nossa lingua, & sobre que ha mais opiniões, & duuida, em que lugares se ha de vsar. Porque hũus indistinctamente o vsão, & o confundem com esta terminação .am. não fazendo de hum a outro differença algũa. O que he erro manifesto” (1576: 27v–28r). Propõe o seu uso em todas as categorias sintáticas, incluindo os verbos, onde, ao contrário de Gandavo, propõe esta terminação em todos os casos, distinguindo-se o pretérito do futuro pelo acento.

Em Vieira, pode observar-se uma grande variação no registo das marcas de nasalidade: <m>, <n> e til. São frequentes formas como <triumfo> (2), onde o uso de <m> pode ter a ver com uma forma alternativa, com <ph>, <triumpho/s> (2), tal como em <assumpto> (4), além de formas como <nenhũa> (2), onde o til pode ser abreviatura de uma consoante nasal. Esta variação pode ainda ser reconhecida em palavras como <comsigo> (2) / <consigo> (2).

No que respeita às terminações nasais nos verbos, no pretérito perfeito, Vieira regista ambas as terminações, <-am> e <-ão>, com preferência por <-ão>: <foram> (7) / <forão> (39), <disseram> (1) / <disserão> (4), como também noutros tempos: <eram> (2) / <erão> (39) <sam> (4) / <são> (56). Em alguns casos, como o de alguns verbos no pretérito perfeito, como <chamarão> (5), e o das formas do conjuntivo, como <tenhão> (1), <hajão> (2), <sejão> (7), <conheção> (1), apenas se encontra a terminação <-ão>.

A variação regista-se também noutras terminações nasais, não necessariamente no mesmo sentido: <tam> (95) / <tão> (7), <liçam> (1) / <lição> (2), <nam> (4) / <não> (386).

Para o registo do plural, Vieira usa sempre a terminação arcaica <-oens>: <doens> (2), <naçoens> (62).

3.7. VOGAIS DOBRADAS

Um dos aspetos em que Vieira mais se afasta do cânone é, sem dúvida, o uso de vogais dobradas. Tal como se verifica no caso das consoantes, o uso de vogais dobradas, quando etimológicas, é defendido ou, pelo menos, praticado por todos os gramáticos e ortógrafos do tempo de Vieira, incluindo Gandavo, que não dedica particular atenção a esta questão, e Leão (1576: 41r–48v), que a desenvolve em capítulo conjunto sobre as letras dobradas.

Na *História do Futuro*, o registo de vogais duplas é pouco frequente ou mesmo raro. Para além de <fee> (41), onde é etimológico, regista-se apenas <aa> nos nomes próprios <Canaan>, <Isaac>, <Naaman>, <Balaan>.

4. CONCLUSÕES

Os dados da ortografia para o conhecimento da língua portuguesa de épocas pretéritas devem ser sempre tomados com particular precaução, sobretudo em autores cultos, como é o caso de Vieira, e os casos analisados na *História do Futuro* comprovam-no, na medida em que, embora se registem alguns casos de variação, eles não podem, geralmente, ser inequivocamente associados à manifestação de determinados processos de natureza fonética e fonológica em curso.

No que respeita às sibilantes, é geralmente admitido, por exemplo, em Castro (2006: 162), que, no português médio, a simplificação das africadas predorsodentais [ts] e [dz] nas fricativas [s] e [z] já teria ocorrido, mas não ainda a colisão homofônica com as apicoalveolares, uma vez que as confusões gráficas indiciadoras desta colisão só se tornam sensíveis a partir do final do século XV e início do XVI. Em Vieira, no terceiro quartel do século XVII, a persistência de variantes gráficas na representação das predorsodentais, surdas e sonoras, <c>, <ç> e <z>, e das apicoalveolares, surdas e sonoras, <ss> e <s>, sendo os casos mais frequentes os de consoantes etimologicamente predorsodentais grafadas como apicoalveolares, com destaque para as sonoras, pode comprovar que o fenómeno não estaria ainda estabilizado. No entanto, é possível que esta variação reflita, sobretudo, o facto de que ainda não estaria estabilizado, neste período¹¹, o processo de substituição da distinção dupla, fónica e gráfica, pela distinção meramente gráfica, mesmo nos falantes cultos, como era o caso de Vieira.

Nos casos da monotongação de [ow] e da elevação e centralização das vogais átonas pretónicas, a variação é ainda menos significativa, restringindo-se a um número pouco significativo de casos que, na sua maior parte, podem ter outras causas.

Ainda assim, tratando-se de um autor culto, em que não são de esperar “lapsos”, os casos de variação registados assumem algum significado, que deve ser tido em conta para a datação dos processos em causa.

No que respeita às práticas (orto)gráficas, propriamente ditas, a escrita de Vieira insere-se no período “(pseudo)etimológico” e segue, no geral, a tendência latinizante da época, nomeadamente em aspetos como a manutenção de consoantes duplas e grupos consonânticos, o uso de <y> e de <h> e mesmo o registo de <e-> protético. No entanto, mesmo nestes casos, raramente se mantém fiel ao princípio geral, registando-se muitos exemplos de alternância ou mesmo de opção pela forma mais moderna, que configuram opções individuais e, porventura, pelo menos em alguns casos, específicas desta obra, devido às suas peculiares características¹².

Assim, ainda que, geralmente, seja possível afirmar que Vieira segue uma ortografia latinizante, em linha com os gramáticos e ortógrafos do seu tempo, a sua prática não deixa de revelar, na irregularidade registada em muitos aspetos, no arcaísmo de algumas grafias e na modernidade de outras, o colorido muito próprio que caracteriza a sua *scripta*, sendo essa a sua principal característica.

¹¹ Ver também, a este propósito, Banza 2008: I, XCVIII, sobre a *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício*, também manuscrita, redigida entre 1665 e 1666.

¹² Note-se que as opções gráficas registadas na *História do Futuro* vão no mesmo sentido das registadas por Banza 2008 (I, LXXIII–XCVI) na *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício*, embora, neste caso, não tenha havido uma análise quantitativa dos dados e estes não sejam recuperáveis a partir da edição, “de cariz regularizador e modernizante” (Banza 2008: I, XCVII), impossibilitando, assim, a comparação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTHONY Laurence, 2022, *AntConc (4.0.3) [Computer Software]*, Tokyo: Waseda University, disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software> (acesso em: 4.03.2024).
- ASSUNÇÃO Carlos, KEMMLER Rolf, FERNANDES Gonçalo, COELHO Sónia, FONTES Susana, MOURA Teresa, 2019a, *A Orthographia da Lingoa Portvgvesa (1576) de Duarte Nunes de Leão: Estudo introdutório e edição*, Coleção “Ortógrafos portugueses”, Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- ASSUNÇÃO Carlos, KEMMLER Rolf, FERNANDES Gonçalo, COELHO Sónia, FONTES Susana, MOURA Teresa, 2019b, *As Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portuguesa (1574) de Pero de Magalhães de Gandavo: Estudo introdutório e edição*, Coleção “Ortógrafos portugueses”, Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- AZEVEDO João Lúcio de, 1918, *A História do Futuro – Inédito de António Vieira, Boletim da Segunda Classe XII/3: 110–247*.
- BANZA Ana Paula, 2007, *Alguns aspectos da Língua Portuguesa seiscentista na escrita do Padre António Vieira, Diacrítica. Ciências da Linguagem 21(1): 5–24*.
- BANZA Ana Paula (ed.), 2008, *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício de Padre António Vieira*, vol. I–II, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- BANZA Ana Paula, GONÇALVES Maria Filomena, 2018, *Roteiro de História da Língua Portuguesa*, Évora: UNESCO Chair in Intangible Heritage and Traditional Know-How: Linking Heritage – University of Évora, disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/22196> (acesso em: 4.03.2024).
- BESSELAAR José van den, 1983, *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- CARDEIRA Esperança, 2006, *O Essencial sobre a História do Português*, Lisboa: Caminho.
- CARVALHO José Herculano de, 1984, *Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas e e o em sílaba átona*, (in:) *Estudos Linguísticos*, vol. II, Coimbra: Coimbra Editora, 75–103.
- CASTRO Ivo, 2006, *Introdução à História do Português*, Lisboa: Edições Colibri.
- CUNHA António Geraldo da, 1989, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2.ª edição revista e acrescentada, 3.ª impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GANDAVO Pero de Magalhães, 1574, *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portuguesa: com hum Dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua*, Lisboa: Na officina de Antonio Gonsalvez, disponível em: purl.pt/12144 (acesso em: 4.03.2024).
- GONÇALVES Maria Filomena, 2003, *As Ideias Ortográficas em Portugal. De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734–1911)*, Lisboa: Gulbenkian – FCT – MCES.
- HART Thomas, 1955, *Notes on the sixteenth-century Portuguese pronunciation*, *Word XI: 404–415*.
- KEMMLER Rolf, 2022, *Gandavo não Gândavo*, Coleção Linguística 20, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras.
- LEÃO Duarte Nunes de, 1576, *Orthographia da lingoa portvgvesa: Obra vtil, & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como a Latina, & quaesquer outras, que da Latina teem origem, Item hum tractado dos pontos das clausulas*, Lisboa: Per Ioaõ de Barreira impressor delRei N.S., disponível em: <http://purl.pt/15> (acesso em: 4.03.2024).
- MAIA Clarinda de Azevedo, 2003, *Para a história do sistema de sibilantes em português: algumas reflexões sobre a cronologia da mudança fonológica*, (in:) *Con Alonso Zamora Vicente. Actas del Congreso Internacional “La lengua, la Academia, lo popular, los clásicos, los contemporáneos...”*, Carmen Alemany Bay et al. (eds.), vol. 2, Alicante: Universidad de Alicante / Universitat d’Alacant, 783–792.
- MARQUILHAS Rita, 2003, *Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas*, (in:) *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, Ivo Castro, Inês Duarte (eds.), vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 7–18.
- SÉRGIO António, CIDADE Hernâni, 1953, *Obras escolhidas do Padre António Vieira*, vol. IX, Lisboa: Sá da Costa, 1–160.
- TAVANI Giuseppe, 1987, *Antecedentes históricos: a ortografia da língua portuguesa*, (in:) *A demanda da ortografia portuguesa, comentário ao Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da questão que se lhe seguiu*, Ivo Castro, Inês Duarte, Isabel Leiria (orgs.), Lisboa: Sá da Costa, 201–203.